

ESTUDO SOBRE A INCIDÊNCIA DO PARVOVÍRUS CANINO EM FELINOS.

Muriel Becker Abreu, Cristiane Duracznski, Olivia Boone Ferrari, Marcelo Maggi, Raqueli Teresinha França, André Felipe Streck (Orientador)



Introdução

Os parvovírus são alguns dos menores vírus conhecidos e tendem a ser específicos para uma espécie, porém há exceções como algumas cepas do parvovírus canino (CPV) que possuem a capacidade de infectar cães e outros canídeos, bem como felinos. (Figura 1). A parvovirose canina é causada pelo parvovírus canino de tipo 2 (CPV-2), que é uma variante do vírus da panleucopenia felina (FPV). Novas variantes do CPV são denominadas dos tipos 2a, 2b e, mais recentemente, 2c, sendo capazes de infectar felinos causando também a panleucopenia felina. Apesar disto, a vacina utilizada para felinos apenas protege contra o vírus da panleucopenia felina, deixando os animais desprotegidos contra possíveis infecções do parvovírus canino.

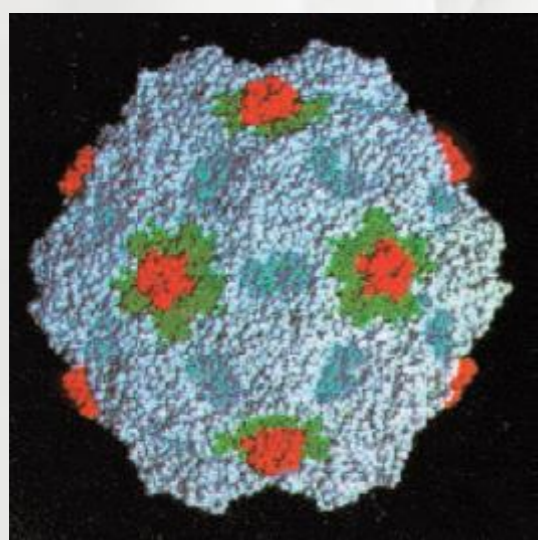


Figura 1. Estrutura tridimensional do capsídeo do CPV. Fonte: JERICÓ, 2014.

Objetivo

Identificar e diagnosticar a presença do CPV no soro de felinos utilizando a técnica da reação em cadeia da polimerase (PCR).

Metodologia

Foram avaliadas 158 amostras de felinos, de diversas cidades do Rio Grande do Sul, coletadas entre 2017 e 2018. Realizou-se a extração de DNA, seguida pela PCR. (Figura 2). Na reação em cadeia da polimerase, os primers 555rev (5'-GGTGCTAGTTGATATGTAATAACA-3') e 555for (5'-CAGGAAGATATCCAGAAGGA -3') foram utilizados para amplificar um fragmento do gene do capsídeo viral. A reação da PCR foi realizada utilizando-se de master mix comercial e ciclagem consistindo de uma desnaturação inicial de 95°C

por 2 min seguida de 38 ciclos de desnaturação de 95°C por 45 seg, anelamento de 55°C por 45 seg, extensão de 72°C por 1 min e anelamento final de 72°C por 2 min. Como controle positivo, utilizou-se a amostra vacinal e água foi usada como controle negativo. Os fragmentos de DNA foram analisados através da eletroforese em gel de agarose, corados com brometo de etídeo e visualizados sob a luz ultravioleta. (Figura 3).

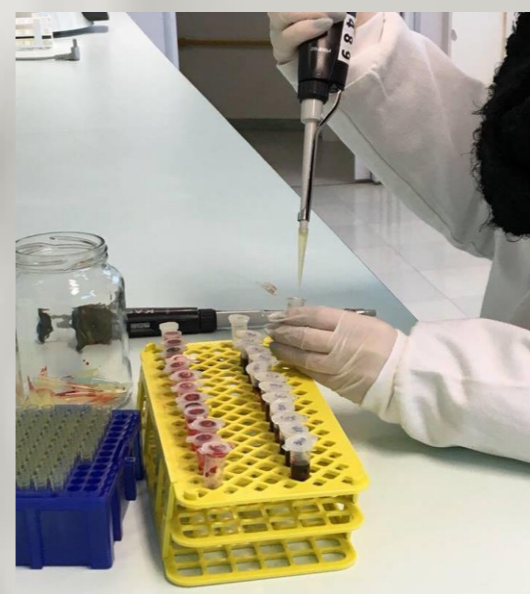


Figura 2. Extração de DNA.



Figura 3. Eletroforese em gel de agarose.

Resultados e discussão

Como resultados foram obtidas cinco amostras positivas (3,16%). (Figura 4).

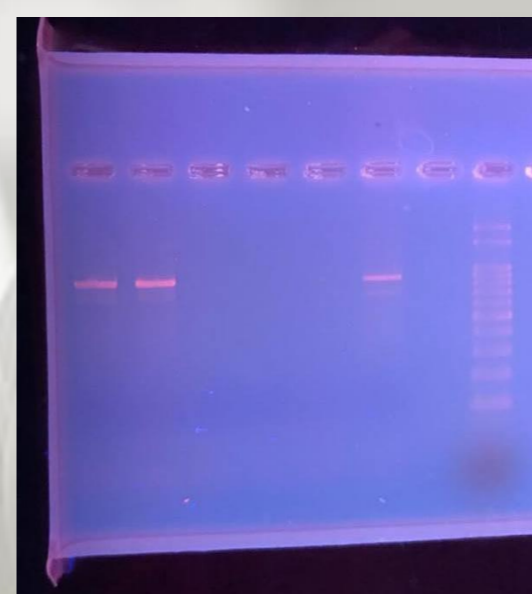


Figura 4. Eletroforese de cinco amostras, duas positivas. Além das amostras, o controle positivo, controle negativo e o marcador.

Considerações finais

Como perspectiva, as amostras positivas serão purificadas e enviadas para sequenciamento do DNA. Adicionalmente, serão realizados testes de inibição da hemaglutinação (HI) para compararmos os resultados obtidos e obter o perfil de anticorpos gerados.

Referências

GREENE, Craig E. *Doenças Infecciosas em Cães e Gatos*, 4ª edição. Roca, 03/2015.

JERICÓ, Márcia Marques. *Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos*. Roca, 10/2014.